

Causas de Morte

2016

A idade média ao óbito foi de 73,1 anos para os tumores malignos e 81,1 para as doenças do aparelho circulatório

Em 2016 registaram-se 110 970 óbitos no país. As doenças do aparelho circulatório (29,6%) e os tumores malignos (24,7%) estiveram na origem de mais de metade (54,2%) dos óbitos ocorridos no país em 2016, constituindo as duas principais causas básicas de morte.

Por doenças do aparelho circulatório ocorreram 32 805 mortes, menos 0,2% que no ano anterior. As mulheres continuaram a ser as mais afetadas, representando 55,1% do total de óbitos por estas doenças. A idade média ao óbito foi de 81,1 anos, mais baixa para os homens (78,0 anos) que para as mulheres (83,7 anos). O número de óbitos com idade inferior a 70 anos por esta causa aumentou 0,5% de 2015 para 2016.

Os tumores malignos causaram 27 357 óbitos, mais 2,7% que em 2015 (26 647 óbitos). Este conjunto de doenças esteve na origem de mais mortes masculinas (59,6%) que femininas (40,4%), com uma idade média ao óbito de 73,1 anos.

A mortalidade prematura (antes dos 70 anos) foi 36,7%, bastante mais elevada para os homens (39,5%) que para as mulheres (32,7%), e o número de anos potenciais de vida perdidos no país em 2016 devido às mortes por tumores malignos foi 111 072 anos.

Em 2016, diminuíram as mortes devidas a doenças do aparelho respiratório (12,1% face a 12,4% em 2015) e as causadas por diabetes *mellitus* (3,9% face a 4,0% em 2015).

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulga a publicação "[Causas de morte 2016](#)" que apresenta os resultados estatísticos relativos à mortalidade por causas de morte em Portugal em 2016.

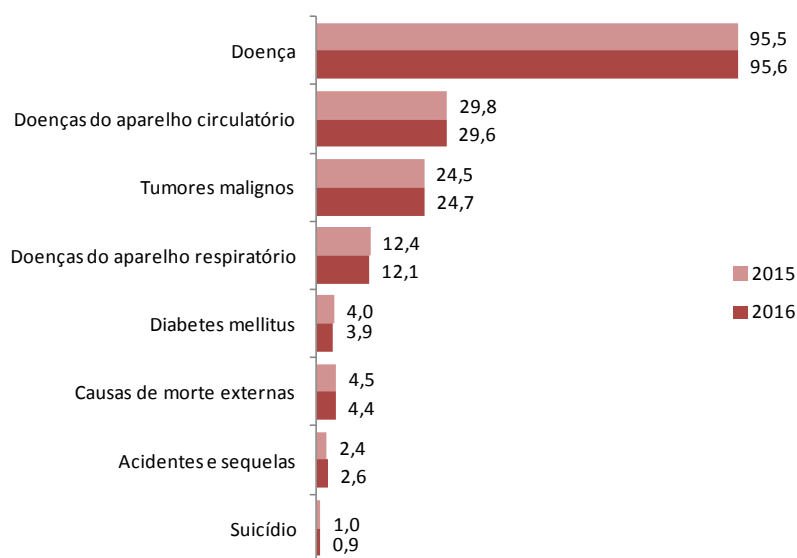
Em análise estão 55 grupos de causas de morte, baseados na lista «OECD Health Data» da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e que incluem as principais causas de morte por doença, destacando-se os tumores malignos, as doenças do aparelho circulatório, do aparelho respiratório e as doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, bem como as mortes por causas externas de lesão e envenenamento.

Para cada grupo de causas de morte são apresentadas contagens do número de óbitos por sexo, grupos etários e regiões de residência dos falecidos, bem como alguns indicadores derivados: *Relação de masculinidade dos óbitos*; *Idade média ao óbito*; *Taxa bruta de mortalidade*; *Número médio de anos potenciais de vida perdidos*, entre outros.

As mortes por doenças do aparelho circulatório afetam relativamente menos pessoas em Portugal que na UE28

Em 2016 registaram-se 110 970 óbitos no país (397 de residentes no estrangeiro), mais 1,9% que em 2015 (109 922 óbitos). As mortes por doença representaram 95,6% do total de óbitos registados no país e as causas externas de lesão e envenenamento estiveram na origem de 4,4% dos óbitos, de que se destacaram os acidentes e sequelas, com 2,6%, e as lesões autoprovocadas intencionalmente e sequelas (suicídio), com 0,9%.

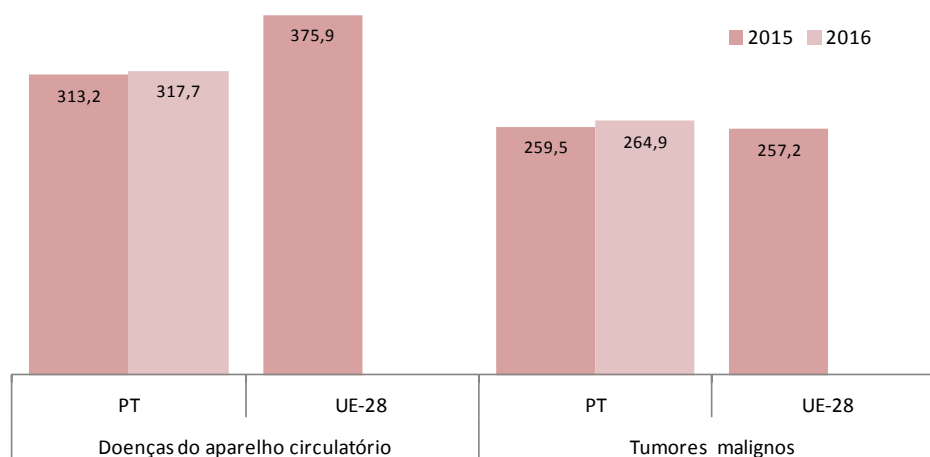
Óbitos por algumas causas de morte no país (%), 2015 e 2016



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em conjunto, as doenças do aparelho circulatório (29,6%) e os tumores malignos (24,7%) estiveram na origem de mais de metade (54,2%) dos óbitos ocorridos no país em 2016, constituindo as duas principais causas básicas de morte.

Óbitos causados por doenças do aparelho circulatório e tumores malignos, por 100 mil habitantes, Portugal 2015-2016 e UE28 2015



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte; Eurostat [hlth_cd_aro]

Nesse ano morreram 32 805 pessoas devido a doenças do aparelho circulatório, valor superior ao do ano anterior (32 443 óbitos). A comparação com os dados disponíveis para a UE28, relativos a 2015, permite concluir que se trata de uma doença que motivou relativamente mais mortes na UE28, com 375,9, óbitos por 100 mil habitantes, do que em Portugal, com 313,2 óbitos por 100 mil habitantes (317,7 em 2016).

Os tumores malignos constituíram a segunda principal causa de morte no país em 2016, com 27 357 óbitos, mais 710 óbitos do que no ano anterior, o que corresponde a 264,9 óbitos por 100 mil habitantes. Em 2015, a taxa de mortalidade por 100 mil habitantes devida a tumores malignos em Portugal (259,5 óbitos) foi semelhante à registada na UE28 (257,2 óbitos).

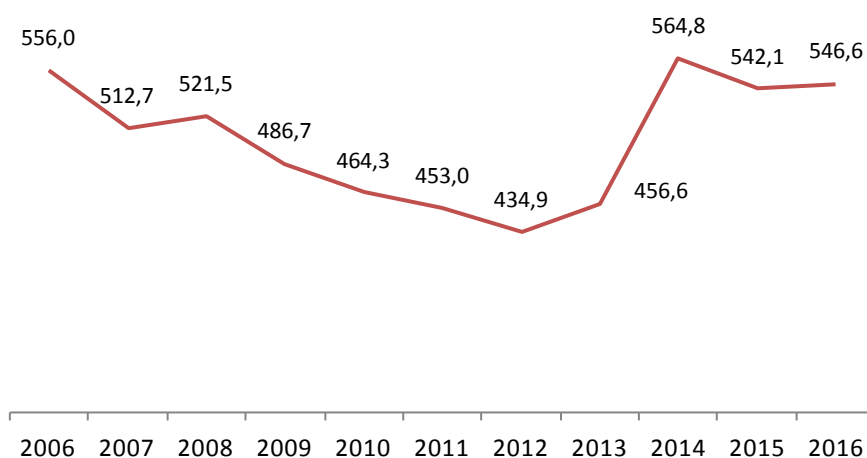
Em 2016 perderam-se quase 48 mil anos potenciais de vida devido às doenças do aparelho circulatório

Em 2016, as doenças do aparelho circulatório continuaram a constituir a principal causa de morte no país, com 32 805 óbitos, ou seja, 29,6% da mortalidade total ocorrida no país, mais 1,1% do que em 2015 (32 443 óbitos).

As mulheres continuaram a ser as mais afetadas por este grupo de causas de morte, representando 55,1% do total de óbitos por doenças do aparelho circulatório, obtendo-se uma relação de masculinidade de 81,5 óbitos masculinos por cada 100 femininos. A idade média ao óbito foi de 81,1 anos, mais baixa para os homens (78,0 anos) que para as mulheres (83,7 anos).

Por outro lado, o número de óbitos com idade inferior a 70 anos por esta causa aumentou 0,5% de 2015 para 2016, com o conseqüente aumento do número de anos potenciais de vida perdidos no país, de 47 850 em 2015 para 47 923 anos em 2016. Em Portugal e em 2016, perderam-se 546,6 anos potenciais de vida por cada 100 mil habitantes devido às doenças do aparelho circulatório.

Taxa de anos potenciais de vida perdidos por doenças do aparelho circulatório por 100 mil habitantes (Nº), no país, 2006-2016



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Ainda no conjunto destas causas de morte, evidenciaram-se os acidentes vasculares cerebrais (AVC), que estiveram na origem de 10,6% do total de mortes no país (11 738 óbitos), percentagem próxima da observada no ano anterior (10,8% em 2015). A doença isquémica do coração esteve na origem de 7 368 óbitos em 2016 (6,6%), e ao enfarte agudo do miocárdio ficaram associados 4 385 óbitos (4,0%).

A morte pelas doenças cerebrovasculares atingiu principalmente as mulheres, com uma relação de 76,6 óbitos masculinos por cada 100 femininos, ao contrário das mortes por doença isquémica do coração e por enfarte agudo do miocárdio, que tiveram maior incidência no caso dos homens (respetivamente, 131,1 e 136,0 óbitos masculinos por cada 100 femininos).

As mortes por doenças cerebrovasculares ocorreram em geral mais tardiamente (81,8 anos para o conjunto de homens e mulheres) que as devidas a enfarte agudo do miocárdio (76,7 anos) e a doença isquémica do coração (77,6 anos).

Em 2016 perderam-se mais de 111 mil anos potenciais de vida devido a tumores malignos

Tal como nos anos anteriores, os tumores malignos constituíram a segunda causa básica de morte em 2016, com 27 357 óbitos, o que corresponde a 24,7% da mortalidade no país, mais 2,7% do que o registado em 2015 (26 647 óbitos). No conjunto dos países da EU-28, 25,4% dos óbitos ocorreram por estas causas de morte, em 2015.

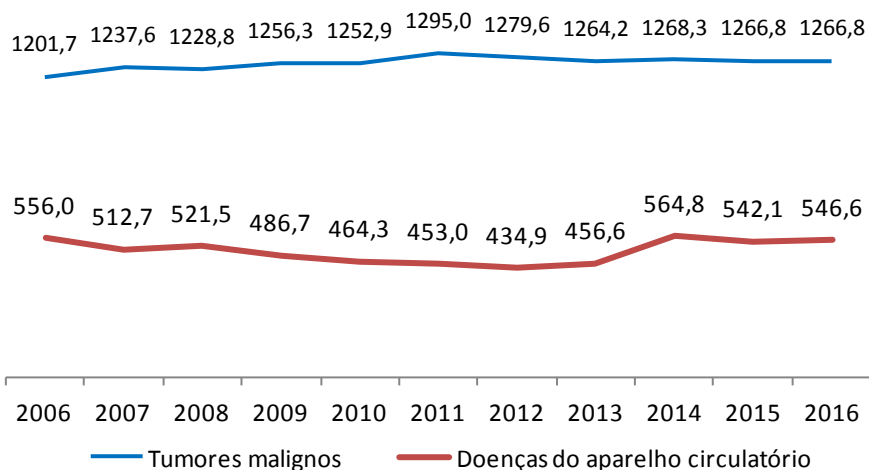
Este conjunto de doenças esteve na origem de mais mortes masculinas (59,6% dos óbitos por tumores malignos) que femininas (40,4%), resultando numa relação de masculinidade de 147,5 óbitos masculinos por cada 100 femininos.

A idade média ao óbito das pessoas falecidas por este conjunto de causas situou-se em 73,1 anos, mais elevada para as mulheres (74,2 anos) do que para os homens (72,4 anos).

A mortalidade prematura situou-se em 36,7%, mais elevada para os homens (39,5%) do que para as mulheres (32,7%).

O número de anos potenciais de vida perdidos no país em 2016 devido a estas causas de morte foi de 111 072 anos (111 820 em 2015), a que correspondeu uma taxa de anos potenciais de vida perdidos de 1 266,8 por 100 mil habitantes, valor idêntico ao registado em 2015. Estes resultados mostram que os óbitos por tumores malignos afetam menos pessoas do que as doenças do aparelho circulatório, mas têm um impacto muito superior em termos de anos potenciais de vida perdidos.

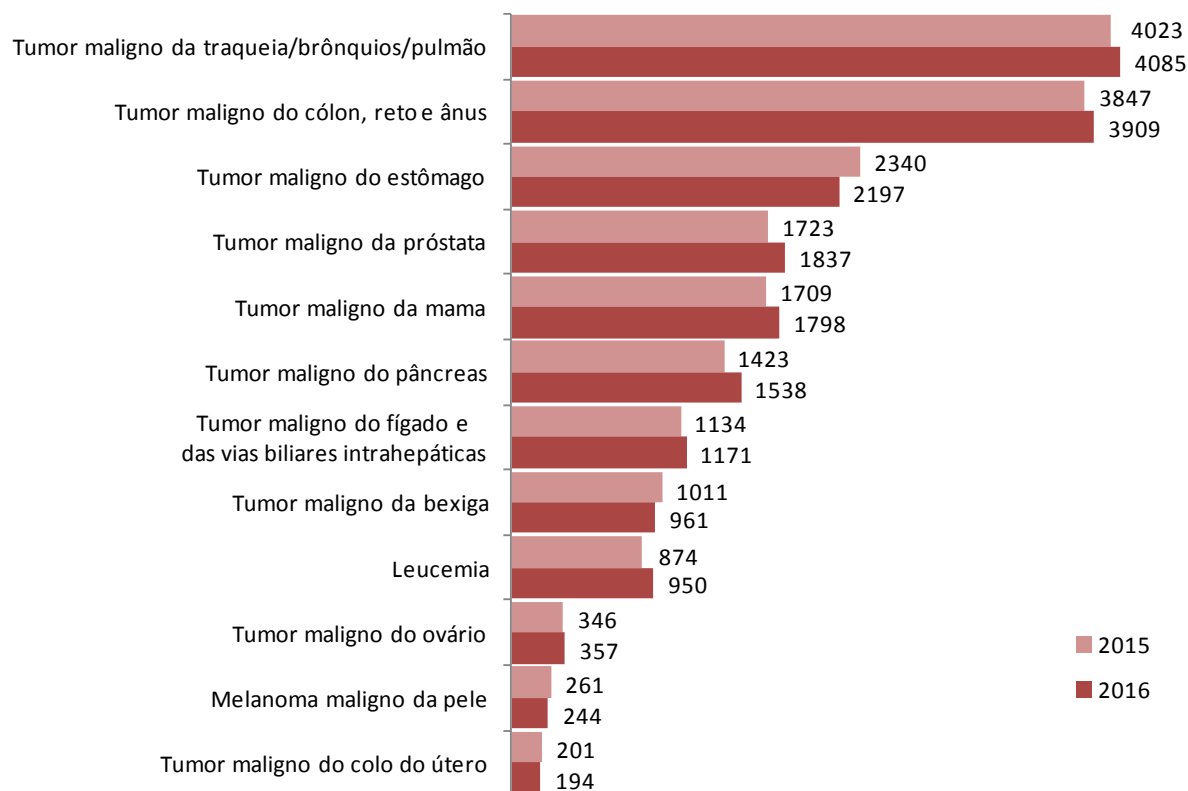
Taxa de anos potenciais de vida perdidos por doenças do aparelho circulatório e tumores malignos, por 100 mil habitantes (Nº), no país, 2006-2016



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2016 aumentaram sobretudo as mortes pela Leucemia e pelos tumores malignos do pâncreas, e diminuíram as motivadas por tumores malignos da pele e do estômago

Óbitos por alguns tumores malignos (n.º), no país, 2015 e 2016



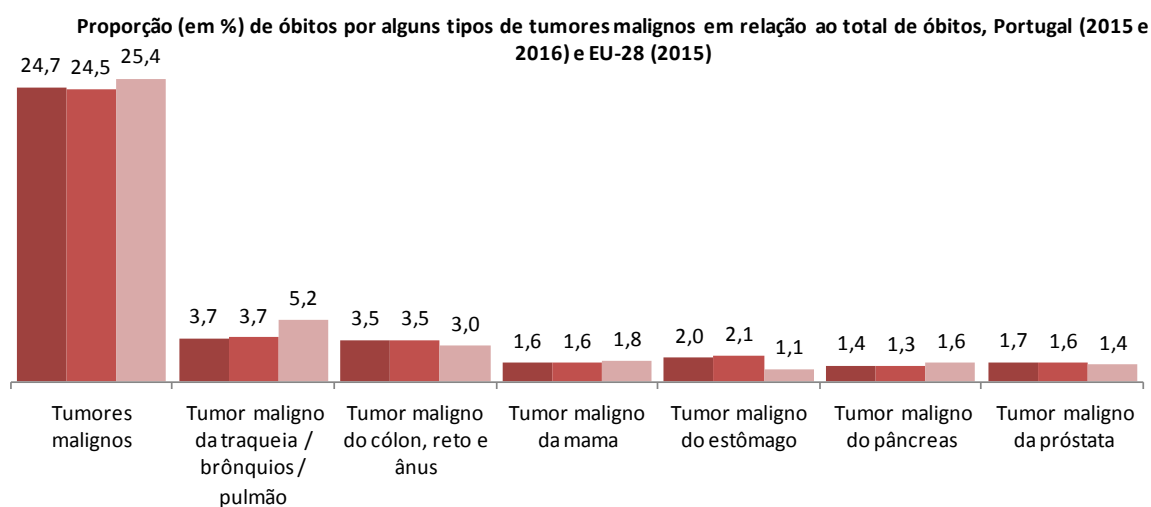
Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Em 2016, os tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão representaram 3,7% dos óbitos em Portugal (4 085 óbitos), mais 1,5% do que o registado em 2015 (4 023 óbitos), e os tumores malignos do cólon, reto e ânus estiveram na origem de 3,5% da mortalidade (3 909 óbitos), mais 1,6% do que no ano anterior (3 847 óbitos).

As mortes por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão atingiram principalmente os homens (76,9%), com uma relação de 332,3 óbitos masculinos por cada 100 femininos, o valor mais elevado de entre os tumores não específicos do sexo masculino.

As mortes por tumores malignos do cólon, reto e ânus foram também mais frequentes no caso dos homens (57,2%), ainda que com valores menos elevados (a relação de masculinidade foi neste caso de 133,8 óbitos masculinos por 100 femininos). As mortes por tumores malignos do cólon, reto e ânus ocorreram em média 5 anos mais tarde (75,5 anos) que as devidas a tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão (70,1 anos).

No ano anterior, para o conjunto dos países da UE28, foram relativamente mais frequentes as mortes por tumores malignos da traqueia, brônquios e pulmão (5,2%) que em Portugal (3,7%), e menos frequentes as causadas pelos tumores malignos do cólon, reto e ânus (3,0% que comparam com 3,5% em Portugal).



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

■ PT 2016 ■ PT 2015 ■ EU-28 2015

Em 2016 referem-se ainda as mortes associadas aos tumores malignos do estômago com 2,0% do total de óbitos (2,1% em 2015), e aos tumores malignos do pâncreas com 1,4% do total de óbitos (1,3% em 2015). Em 2015, no conjunto da EU-28 os tumores malignos do estômago e os tumores malignos do pâncreas representaram 1,1% e 1,6% do total de óbitos, respetivamente. Os tumores malignos do pâncreas totalizaram 1 538 óbitos em 2016, mais 8,1% do que em 2015 (1 423), com uma idade média ao óbito de 73,9 anos.

Os tumores malignos da próstata totalizaram 1 837 óbitos em 2016, mais 6,6% que em 2015 (1 723), mantendo-se uma idade média ao óbito próxima dos 81 anos.

No caso das mulheres, destacaram-se 1 774 óbitos originados por tumores da mama em 2016, ou seja, mais 5,0% do que no ano anterior (1 690). A idade média ao óbito foi neste caso de 71 anos, mantendo-se relativamente ao ano anterior.

Em 2016 destacou-se ainda o aumento de 8,7% nas mortes provocadas pela Leucemia, com 950 óbitos em 2016 e 874 em 2015, e uma idade média ao óbito de 73,5 anos.

Em contrapartida, as mortes por tumores malignos da pele reduziram-se em 6,5%, e as devidas a tumores malignos do estômago em 6,1%.

Em Portugal morre-se mais de doenças do aparelho respiratório do que na UE-28

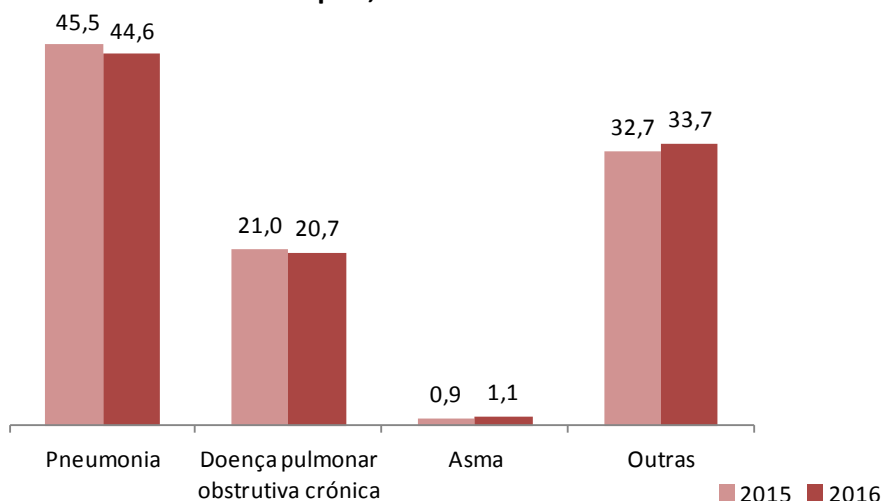
As mortes por doenças do aparelho respiratório causaram 13 474 óbitos em 2016, valor muito semelhante ao do ano anterior (13 470 óbitos) corresponderam a 12,1% do total de mortes no país. No conjunto da EU-28 os óbitos por estas causas corresponderam em 2015, 8,5% do total de óbitos. Em Portugal, as mortes por pneumonia representaram em 2016, 44,6% do total de mortes por doenças do aparelho respiratório, valor superior ao da EU-28, em 2015, com 31,5% do total de óbitos.

As mortes por doenças do aparelho respiratório atingiram mais os homens (52,2%) que mulheres e registou-se uma idade média ao óbito mais elevada para as mulheres (84,4 anos) que para os homens (80,8 anos).

A percentagem de óbitos com menos de 70 anos foi de 9,9%, com 14 963 anos potenciais de vida perdidos e 153,7 anos perdidos por 100 mil habitantes.

No conjunto das doenças do aparelho respiratório, a pneumonia, com 6 006 óbitos, e a doença pulmonar obstrutiva crónica, com 2 791 óbitos, foram as causas com maior número de mortes (respetivamente, 5,4% e 2,5% do total de óbitos no país). O número de mortes devido a Influenza (Gripe) aumentou 66,2% entre 2015 e 2016 (de 74 óbitos para 123).

Distribuição dos óbitos (%) por doenças do aparelho respiratório, no país, 2015 e 2016



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte.

As mortes provocadas por diabetes *mellitus* diminuíram 1,1% em 2016

As doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas causaram 5 599 óbitos em 2016, menos 2,9% do que no ano anterior (5 766 óbitos). Em 2015, as mortes por este conjunto de causas corresponderam em Portugal 5,3% do total de mortes, sendo mais frequentes que o registado para o conjunto dos países da UE28, com 3,0% do total de mortes.

Estas doenças estiveram na origem de mais mortes de mulheres (3 276) que de homens (2 323), com uma relação de masculinidade de 70,9 óbitos masculinos por cada 100 femininos. Contudo, a idade média ao óbito foi mais elevada para as mulheres (81,8 anos) do que para os homens (78,1 anos).

O número de anos potenciais de vida perdidos foi de 8 086 anos em 2016, sendo que este valor relativamente baixo se deveu à ocorrência de apenas 14,2% de óbitos antes dos 70 anos. A taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 92,2 anos por 100 mil habitantes.

No conjunto das doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas, a diabetes *mellitus*, com 4 359 óbitos, é a causa com maior número de mortes, tendo tido uma diminuição de 1,1% face ao ano anterior. Esta causa atingiu principalmente as mulheres, com uma relação de masculinidade de 75,8 óbitos masculinos por cada 100 femininos.

As mortes por diabetes *mellitus* significaram, em 2016, 3,9% do total de óbitos por esta causa, valor superior ao registado na EU-28 em 2015 (2,3%).

As mortes por perturbações mentais e do comportamento atingiram mais mulheres que homens

Em 2016 verificaram-se 3 691 óbitos por perturbações mentais e do comportamento, mais 13,0% do que no ano anterior (3 267 óbitos). Em Portugal e em 2016, as mortes ocorridas por este conjunto de doenças representavam 3,3% do total de mortes, valor inferior ao da EU-28 em 2015 (4,1%).

Estas causas tiveram maior expressão no caso das mulheres (61,4% do total de óbitos por estas causas), obtendo-se uma relação de masculinidade de 63,0 óbitos masculinos por 100 óbitos femininos.

A idade média ao óbito foi de 84,4 anos, mais elevada nas mulheres (85,6 anos) do que nos homens (82,5 anos), sendo um conjunto de doenças que atingiram sobretudo as idades mais avançadas: em 2016, apenas 5,5% dos óbitos ocorreram antes dos 70 anos. Consequentemente, o número de anos potenciais de vida perdidos foi relativamente baixo (2 300 anos). A taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 26,2 anos por 100 mil habitantes.

No conjunto das mortes provocadas por perturbações mentais e do comportamento, 94,3% corresponderam a mortes por demência (3 480 óbitos).

Menos mortes por suicídio em 2016

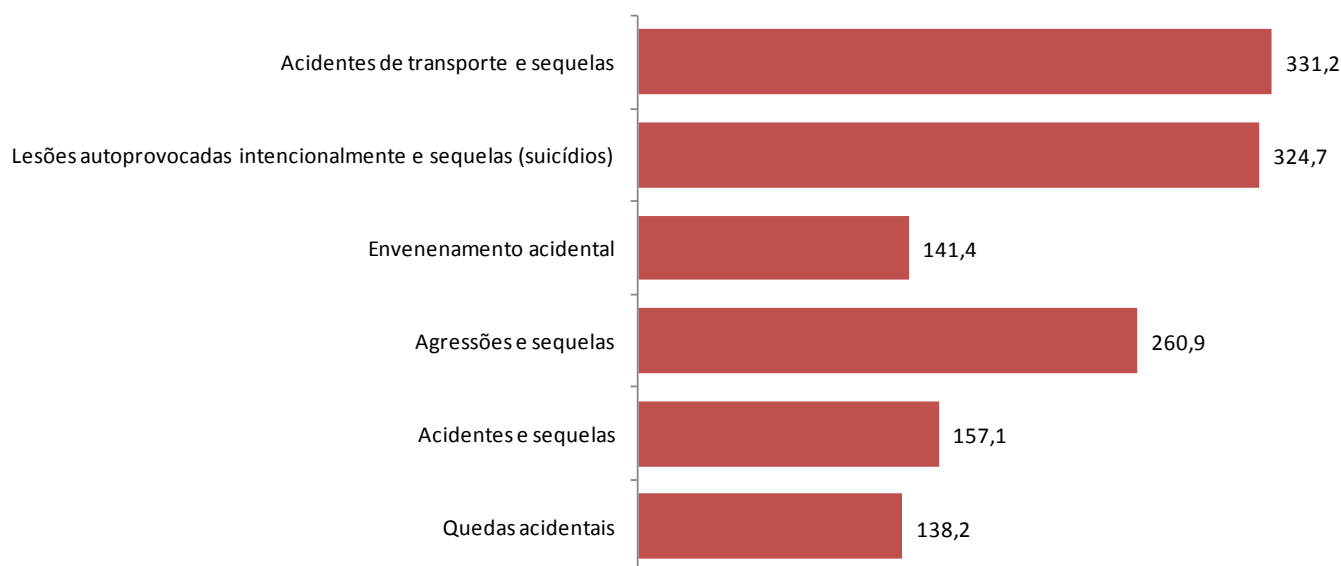
Em 2016, 4 856 óbitos deveram-se a causas externas de lesão e envenenamento, o que correspondeu a 4,4% do total de mortes (4,5% na EU-28 em 2015), menos 0,3% face a 2015 (4 870).

Cerca de 65% do total destas mortes foram de homens, com uma relação de 182,7 óbitos masculinos por 100 femininos.

A idade média ao óbito por estas causas foi de 67,6 anos, bastante mais elevada para as mulheres (75,1 anos) que para os homens (63,5 anos). Por outro lado, trata-se de um conjunto de causas que, quando comparado com as restantes, afeta relativamente mais as idades prematuras (39,0% dos falecidos tinham menos de 65 anos). O número de anos potenciais de vida perdidos foi 45 665 e a taxa de anos potenciais de vida perdidos foi de 520,8 anos por 100 mil habitantes.

No conjunto das causas de morte externas de lesão e envenenamento, evidenciaram-se as lesões autoprovocadas intencionalmente, ou suicídios, que provocaram 981 mortes em 2016, com uma diminuição de 13,3% face a 2015 (1 132). Os óbitos por esta causa representaram em Portugal, em 2016, 0,9% do total de mortes e 1,1% no conjunto dos países da EU-28, em 2015. Cerca de 76% das mortes por esta causa foram de homens, apurando-se uma relação de 324,7 óbitos masculinos por 100 femininos, e correspondendo a 1,3% do total de óbitos de homens no país. A idade média ao óbito foi 59,9 anos (59,4 para os homens e 61,3 para as mulheres).

Relação de masculinidade (N.º) por algumas causas de morte, no país, 2016



Fonte: INE, Óbitos por causas de morte

Nota técnica

Os dados de óbitos por causas de morte resultam do aproveitamento de dados administrativos para fins estatísticos, de informação sujeita ao registo civil e recolhida junto das Conservatórias do Registo Civil através do Sistema Integrado do Registo e Identificação Civil (SIRIC) e através do Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO). A Direção Geral da Saúde colabora com o INE procedendo à codificação das causas de morte segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Anos potenciais de vida perdidos: Número de anos que teoricamente uma determinada população deixa de viver, se morrer prematuramente (antes dos 70 anos). Resulta da soma dos produtos do número de óbitos ocorridos em cada grupo etário pela diferença entre o limite superior considerado e o ponto médio do intervalo de classe correspondente a cada grupo etário

Idade média ao óbito: Quociente entre a soma do produto de cada ponto médio do escalão etário pelo número de observações, em cada escalão etário, e o número total de observações.

Relação de masculinidade ao óbito: Quociente entre os óbitos do sexo masculino e os do sexo feminino, por 100 mulheres.

Taxa de anos potenciais de vida perdidos: Número de anos potenciais de vida perdidos em cada 100 000 habitantes. Obtém-se através do quociente entre os anos potenciais de vida perdidos e a População média (com menos de 70 anos), num determinado período de tempo, normalmente o ano civil.

Em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes é possível visualizar a publicação "Causas de morte 2016", associada a este Destaque.